



“Tudo o que sabemos do amor, é
que o amor é tudo que existe.”

Emily Dickinson

POEMAS DE AMOR



DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

***poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir
a um novo nível."***

eLivros.love

Converted by [convertEPub](#)

Emily Dickinson

POEMAS DE AMOR



Emily Dickinson

POEMAS DE AMOR



Copyright © Editora Caligari
Editora: Nathalia Perrone
Curadoria: Maria Carolina (@mcarolbrx)
Capa e Ilustração: Victoria Mendes
Diagramação: Victoria Mendes
Revisão e Tradução: Laura de Oliveira Lima

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

C292e	Carolina, Maria
	Emily Dickinson: Poemas de Amor / Maria Carolina. - Rio de Janeiro : Caligari, 2022. 70 p. : il. ; 16cm x 23cm.
	ISBN: 978-85-94496-13-3
	1. Literatura americana. 2. Poesia. I. Título.
2023-27	CDD 811 CDU 821.111(73)-1

Elaborado por Odílio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura americana : Poesia 811
2. Literatura americana : Poesia 821.111(73)-1

Todos os direitos reservados
Editora Caligari é uma marca da CJT EDITORA E TECNOLOGIA LTDA
CNPJ: 22.061.126/0001-09
Rua Mário Portela, 106 – Laranjeiras
Rio de Janeiro – RJ
CEP: 22241-000
É proibida a reprodução deste livro sem a prévia autorização do autor.



Queride leitor,

Este livro que você tem em mãos agora é uma coletânea de poemas escritos por Emily Dickinson, que, ao que tudo indica, foram dedicados para seu grande amor secreto, sua cunhada Susan Gilbert. Dizem por aí que seu grande amor inspirou muitos de seus poemas. Estima-se que a poetisa americana escreveu cerca de 1.800 poemas ao longo de sua vida e que mais de 300 deles foram dedicados para sua amada Sue.

Nascida em Amherst, Massachusetts, nos Estados Unidos, no dia 10 de dezembro de 1830, Emily Elizabeth Dickinson, não foi reconhecida em vida por sua escrita. Apesar de ser, hoje, um dos grandes nomes da literatura americana e uma grande inspiração para muitos, o primeiro volume de seus poemas foi publicado somente em 1890, quatro anos após a sua morte, devido aos esforços de sua irmã mais nova, Lavinia Dickinson, e de Sue. Ambas reuniram todos os seus manuscritos e os prepararam para serem publicados.

Conhecida por sua personalidade excêntrica e seu tom melancólico, Emily viveu uma parte de sua vida reclusa, onde acabou desenvolvendo sua produção artística, se dedicando cada vez mais à escrita e aos poemas. Mesmo com sua reclusão, e com o casamento de Sue com seu irmão, Austin Dickinson, que acarretou um afastamento de ambas, Emily não deixou de escrever sobre a imortalidade do seu amor.

Com isso, a poeta costumava enviar cartas para um grupo seleto de pessoas, e entre eles, sua maior correspondente, Sue. Em suas correspondências, o afeto entre elas se torna um destaque.

Frases como: “[...]a cada dia que você continua fora – sinto falta do meu coração maior; o meu próprio vai vagueando por aí, e chama por Susie [...]” “Eu tenho somente um pensamento, Susie, nessa tarde de junho,

que é você, e apenas uma prece; querida Susie, que é para você”, evidenciam a imortalidade do amor entre as duas.

Neste livro, há uma espécie de curadoria inédita no Brasil.

Existem diversas versões e traduções de poemas de Emily Dickinson, porém, não existia, ainda, um livro traduzido com o foco principal em seu amor. Escolhemos, então, quarenta poemas tendo como objetivo evidenciar mais desse amor e afeto das duas para o mundo. É importante registrar, ainda, que houve a necessidade de adaptar algumas traduções, uma vez que seus escritos são do século XIX.

Esperamos que gostem, se encantem e desvendem cada canto, poema e ilustração deste livro, que foi pensado e produzido com muito carinho. O estilo literário Emily Dickinson, é único e, se conseguirmos disseminar sua escrita e, sobretudo seu amor, por aí, trazendo mais representatividade para a literatura brasileira, consideraremos nossa missão cumprida!

Que Emily entre em sua prateleira e lhe encante, assim como nos encantou e, talvez, até mesmo alguma pessoa especial na sua vida, com algum poema dedicado por você.

Boa leitura!

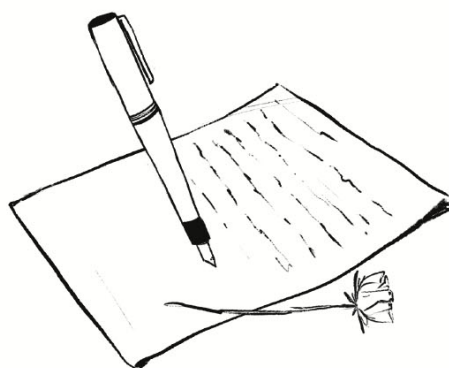
Maria Carolina (@mcarolbrx) e Nathalia Perrone
Editora Caligari

Se você viesse no Outono,
Eu escovaria o Verão afora
Com meio sorriso, e meio desdém,
Como fazem as donas de casa
Se eu pudesse vê-la em um ano,
Enrolaria aos meses em bolas
E colocaria cada um em gavetas separadas,
Por medo que os números se fundissem
Se fossem séculos atrasados
Eu os contaria na minha mão,
Subtraindo até os meus dedos caírem
Para a terra de Van Dieman,
Certamente, se essa vida fosse válida,
A nossa também deveria ser...
A atiraria como uma casca,
E pegaria a Eternidade...
Mas, agora, a duração é incerta
Disto que é nosso
Me pegue, como a Abelha de Goblin...
Isso não irá firmar — o seu ferrão.



Por flor — Por carta —
Por amor ágil —
Se eu soldar o Rebite mais depressa —
Rápido e definitivo — acima

Não pense na minha bigorna sem fôlego!
Não pense no repouso!
Não pense nos rostos sujos
Trabalhando na Fornalha



Me escondo dentro da minha flor
Que se esvai no seu Vaso
Você, sem suspeitar, sente em mim
Uma quase solidão.



Ah, Lua e Estrela!
Estás muito longe
Mas não havia ninguém
Mais longe do que você
Acha que eu pararia
Para um Firmamento
Ou um Cubito ou algo assim?

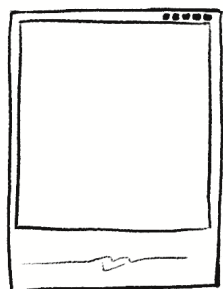
Podia pedir emprestado um gorro
Da Marca
E uma Bota de Prata de Camurça
E um estribo de um antílope
E estar contigo hoje à noite!

Mas, Lua, e Estrela,
Embora estejam muito longe
Há um mais longe do que você
Ele é mais do que um compromisso de Mim
Por isso, nunca poderei partir

Quão doentio — esperar — em qualquer lugar — exceto o seu
Soube noite passada — alguém tentou entrelaçar-se
Achando, talvez — que eu estivesse cansada — ou sozinha
Ou sofrendo — quase — de uma dor inarticulada

E virei-me — ducal
Aquele direito — era seu
Uma porta — é o suficiente — para uma Brigue — como a minha

Os nossos são o arremesso — livres no mar
Ao invés de uma amarração — feita por você
Os nossos são Cargo — solto aqui
Ao invés de “ilhas picantes” —
E tu — não aqui.



Vê-la é Fotografia —
Ouvi-la é Música —
Conhecê-la é Temperança —
Tão inocente quanto Junho —
Não conhecê-la — Aflição
Tê-la para um Amigo
Um calor tão forte como o Sol
Brilhava em suas Mãos.

A Moça alimenta Seu Passarinho
Em intervalos longos
O passarinho não rejeitaria
Mansamente reconheceria

O Golfo entre a Mão e Ela
E desmoronando e distante
E desmaios em Seu Joelho Amarelo
Suave cai e adora

Você me ama — tens certeza —
Não temerei erro
Não trairei a ti
Alguns sorrisos de manhã
Para encontrar o Sol nascente à esquerda
Os pomares sossegados
E Dollie — foi embora!

Não preciso de começar — você tem a certeza —
Essa noite nunca será —
Quando te assustei — casa a Tu que eu corro —
Para encontrar as janelas escuras...
E acabou-se o símbolo de Dollie —
Nenhuma?

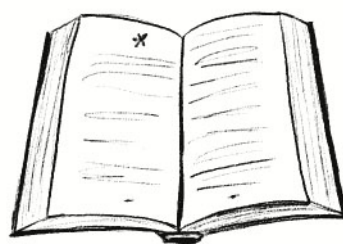
Tenha certeza que tens certeza — você sabe —
Vou tolerar melhor agora —
Se você me dizer simplesmente —
Que quando um pouco de bálsamo maçante cresceu —
Sobre esta dor minha
Você ardeu de novo.

Sempre fiz por amor Trago-te Prova
Que até amar
Nunca vivera — o suficiente

Que devo amar sempre —
Argumento-te
Que amar é viver
E vida há imortalidade

Se isto — a tu duvidas — docemente
Então resta-me algo
A mostrar, além
da Cavalaria

Amar-te Ano após Ano
Pode parecer mais mundano
Que os sacrifícios e as findas
No entanto, querida
Para sempre talvez seja curto, quis mostrar
E capturar, com uma flor, o agora



Aprendemos Tudo do Amor
O alfabeto, as Palavras
Um Capítulo e depois o Livro todo poderoso
E daí, a Revelação.

Mas nos olhos do outro
Uma ignorância contemplada
Mais divina do que a infância
E, para cada um, uma criança

Tentativa de expor
O que nenhuma das duas entendeu
Infelizmente, que a Sabedoria é tão grande
E a Verdade tão múltipla.

O Amor que uma Vida pode mostrar Abaixo
É apenas um filamento, eu sei,
Daquela coisa divina
Que desmaia na face do meio-dia
E fere o inflamável ao Sol
E atrapalha a Asa de Gabriel

É isso — na Música — dança e balança —
E longe nos dias de Verão
Destila uma dor incerta
É isso — enamorados no Leste
E as tonalidades do Trânsito do Oeste
Na temporada de cultivo —

É isso — convida — apela — endossa —
Esvoaça — brilha — prova — dissolve
Retorna — sugere — condena — encanta
E então — parte ao Paraíso

Nunca mais seria Comum, eu disse
A diferença começara
Muitas amarguras haviam sido
Mas aquele tipo antigo acabara

Mas se em algum momento viesse como Sarja
Pela manhã mais baixa
Tal êxtase que tive todos esses anos
Seriam uma dor mais fácil

Foi tanta alegria que eu falei Vermelho
Na minha singela bochecha
Senti publicar em meu Olho
Não era necessário falar

Caminhei como asas que o meu corpo carregava
Os pés que eu usei anteriormente
Desnecessário agora para mim
Como botas seriam para as Aves

Ponho o meu prazer no estrangeiro
Eu dou uma palavra de Ouro
A todas as criaturas que conheci
E diminuíram o mundo

Quando de repente a minha riqueza encolheu
Um Goblin bebeu o meu orvalho
Meus palácios caíram sem razão
Eu mesma também fui mendigada
Agarrei-me aos sons
Apalpei as formas
Toquei no topo dos Filmes
Senti a Natureza a recuar
Ao longo das minhas linhas de ouro

A Sacola de tecido cru no prego,
O vestido que eu costumava usar,
Mas onde está o meu momento de Brocado,
Meu pedaço de Índia?

É felicidade, então — tal Abismo
Que não devo colocar meu pé ao fundo
Por medo de estragar o sapato?

Prefiro adaptar meu pé
Do que salvar minha bota —
Afinal, comprar outro par
É possível
Em qualquer loja

Mas felicidade só se vende uma vez
Perdeu-se a Patente
Ninguém mais a compra
Diga-me, Pé, decida o que faremos —
A Dama cruza, ou não?
Dê o veredito para a Bota!

Conceda que posso ser verão para ti!
Quando os dias de Verão são voados
A tua música ainda permanece,
quando Whipporwill¹.
E Oriole² — acabam!

Para que floresças, eu saltarei o túmulo
E remar as minhas flores!
Reza para que me junte
Anemona —
A tua flor para sempre!

¹Espécie de ave noturna nativa da América do Norte, em português: Noitibó-cantor.

²Espécie de pássaro comum na Europa e na América do Norte.

Pobre Coraçãozinho!
Será que se esqueceram de ti?
Então não se importe! Então, não se importe!

Orgulhoso Coraçãozinho!
Será que eles te abandonaram?
Seja cortês! Seja cortês!

Coraçãozinho frágil!
Eu não lhe partiria
Poderia me dar crédito? Será que poderia me dar crédito?

Pequeno Coração Feliz...
Como a Glória da Manhã!
O vento e o sol te murcham!

Depois de uma grande dor
sobrevém um sentimento austero —
Os Nervos ficam cerimoniais
tal qual um cemitério —
Questiona o rijo Coração,
‘o que resistiu, foi Quem?’,
E ‘Séculos antes ou Ontem?’
Circundam, mecânicos, os pés —
Os Sopés, o Ar, ou um Quê —
Um caminho de madeira
Que negligentemente medra
Um contentamento de Quartzo,
como uma pedra —
A Hora de Chumbo chegou —
Lembrada, para quem perdurou,
Como as Frias pessoas lembram a neve —
Primeiro — o Frio — depois Apatia —
e então o até breve.

Sou a “Esposa” — decretei isso
Aquele outro Estado
Eu era Czar, agora sou “Mulher”.
É mais seguro agora

Como a vida de menina me parece estranha
Por detrás deste suave Eclipse
Penso que a Terra assim se sente
Sobre as pessoas no céu — agora —

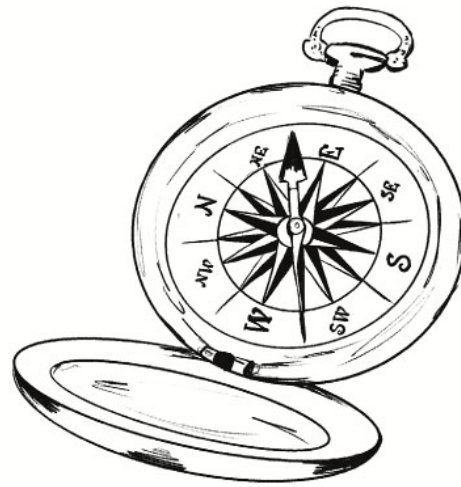
Sendo isto conforto — então
E esse outro tipo sendo dor...
Por que comparar?
Eu sou a “Esposa”! Paremos aí!



Amor — aquela coisa posterior à Morte —
Anterior à vida
Que confirma-o na sua entrada
E usurpa-o de si mesmo

Saboreia a Morte; é a primeira a picar
Depois, ao seu amigo
Desarma o pequeno intervalo
E deposita-o com Deus

Então paira como um Guarda deselegante —
Para que essa Carga Amada
Não precise uma vez na Vida —
Ser menor do que Gigante



Você constituiu o Tempo
Eu considere Eternidade
Uma revelação de si mesmo
Era, portanto, a divindade

O absoluto removido
O Parente afastado
Que eu a ele, me ajuste
A minha lenta idolatria

É tanta alegria! É tanta alegria!
Se eu falhar, que pena!
No entanto, pobre como eu,
Arrisco tudo com um arremesso!
Ganhei! Sim! Hesitado assim —
Este lado a Vitória!
A vida é apenas a Vida! E a Morte, mas a Morte!
A felicidade não é senão a felicidade,
e a respiração não é senão a respiração!
E se de fato eu falhar,
Pelo menos é doce conhecer o que há de pior!
A derrota significa nada mais do que derrota,
Nenhuma monotonia pode suceder!
E se eu ganhar... pistola no Mar!
Os sinos, que na igreja estejam!
No início, que repitam devagar!
Pois o Céu é uma coisa diferente,
Conjurado e, de repente, vigilante
E pode me dizimar!

Noites Selvagens! Noites Selvagens!
Onde eu estava contigo,
As noites selvagens deveriam ser
O nosso luxo

Fúteis os ventos
De um coração no porto, —
Feito com a bússola,
Feito com o gráfico!

Remo no Éden!
Ah! o mar!
Poderia eu apenas amarrar
À-noite em Ti!

Uma irmã tenho em casa
E outra, a uma certa distância.
Só há uma registada,
Mas ambas me pertencem.

Uma veio da estrada que eu vim
E vestiu a minha bata do ano passado
A outra, como um pássaro em seu ninho,
Construiu os nossos corações entre nós.

Ela não cantou como nós cantamos
Foi uma melodia diferente
A ela, uma música
Como Bumblebee de Junho.

Hoje está longe de ser uma criança
Mas subindo e descendo as colinas
Segurei-lhe a mão com mais força
Encurtando todas as milhas.

E ainda o seu zumbido
Os anos entre eles,
Enganam a Borboleta;
Ainda no seu Olho
Os Violetas mentem
Mouldered this many May.

Derramei o orvalho
Mas tirei a manhã
Eu escolhi esta única estrela

A partir dos números da expansiva noite
Sue — para sempre!

O teu doce peso no meu coração à noite
Mal se tinha dignou a mentir
Quando agitando para o deleite da Crença,
A minha Noiva tinha escapado

Se “foi um sonho sólido, apenas
O Céu para confirmar
Ou se eu sonhasse com Ela...
O poder de presumir

Que com Ele permaneça, a mim...
Concedeu para a Todos
Uma ficção que substitui a fé
Portanto: foi como se tivesse sido real

Frígida e doce Sua cara de despedida
Frígidos e frouxos os meus Pés
Estrangeiro e vaidoso qualquer que seja o Clima
Qualquer que seja o destino

Dado a mim sem o Traje
Riqueza e Nome e Domínio...
Quem era Ela para me ocultar
Penúria e Casa?

Agora eu sabia que a tinha perdido
Não que ela tivesse ido
Mas o afastamento passeou
Por seu rosto e sua língua.

Alien, embora contígua
Como uma raça estrangeira

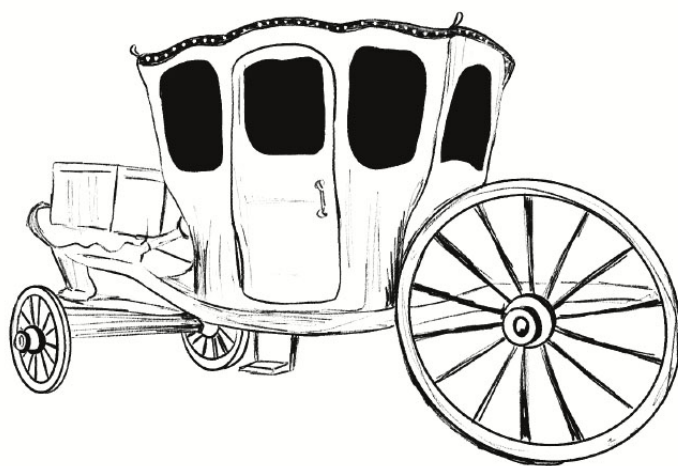
Elementos inalterados —
Universo, o mesmo
Mas a transmigração do Amor —
De alguma forma isto tinha chegado

De agora em diante, para recordar
Que a natureza levou o Dia
Pelo qual eu tinha pago
A sua é penúria
Não quem trabalha pela Liberdade
Ou para Família
Mas a Restituição
De Idolatria.

Seu peito é casa para pérolas
Mas eu não era Mergulhadora
Sua testa é perfeita para tronos
Mas eu não tenho brasão.
Seu coração foi feito para ser casa
Eu — Passarinho — construí lá
Ternura de galhos e fios
Meu ninho perene.

Ela me esquecer foi o mínimo
Eu senti uma segunda dor
Eu era fácil de esquecer
Foi o que mais pensei.

Fiel, foi tudo que me restou de orgulho
Mas a Constância se tornou
Para ela, pelo seu inominado
Algo parecido com vergonha.



Senti um Funeral em meu Cérebro,
E Carpideiras indo e vindo
A pisar — a pisar — até eu sonhar
Meus sentidos fugindo —
E quando tu se sentiu,
O Tambor de um Ofício —
Bateu — bateu — até eu sentir
Inerte o meu Juízo
E eu os ouvi — erguida a Tampa —
Rangerem por minha Alma com
Todo o Chumbo dos pés, de novo,
E o Espaço — dobrou,
Como se os céus fossem um Sino
E o Ser apenas um Ouvido
E eu, e o Silêncio, uma estranha Raça
Só, naufragada, aqui —
Partiu-se a Tábua em minha Mente
E eu fui cair de Chão em Chão —
E em cada Chão, achei um Mundo
E terminei sabendo — então —

O Amor calcula por si — sozinho
Tão grande quanto eu — relaciona-se o Sol
Para Aquele que nunca sentiu a chama
Por si é como se tivesse —

O Harebell perdeu seu cinto
Para sua abelha amante
Iria Harebell, a abelha, ser santa
Como era antes?

Será que o “Paraíso” — persuadido —
Entregue
Será que o “Paraíso” — persuadiu —
Rende o seu fosso de pérolas —
Seria o Éden um Éden,
Ou o Conde — um Conde?



Eu tinha jóias nos dedos —
E então fui dormir
O dia estava quente, o vento corria —
E eu disse “Vamos seguir”

Acordei — analisei meus dedos honestos
A pedra sumira
E agora, a lembrança de Ametista
Era tudo que me sobrava

Tudo torna-se tão caro
Quanto aos perdidos, lutamos
Todo o resto está aqui

Numa matemática falha
Calculamos nosso preço
Vasto em sua proporção do desgaste
Em nossos olhos de penúria

Coração, nós a esqueceremos!
Coração, nós a esqueceremos!
Eu e tu, hoje à noite!
Esqueça o calor que ela nos deu —
Que eu me esquecerei do lume

Quando o terminar, suplico que diga-me
Para que eu possa começar imediatamente!
Apressa-te! Para que enquanto te tardas,
Eu ainda me lembre dela!

Contigo no Deserto —
Contigo na sede —
Contigo na árvore de Tamarindo —
O leopardo suspira — finalmente!

Entreguei-me a Ela...
E levou a si própria como pagamento
O solene contrato de uma Vida
Desta forma, foi ratificado

A Riqueza pode decepcionar —
Eu mesma, uma prova mais pobre
que este suspeito Comprador
O Diário de tudo — de Amor

Diga toda a verdade,
mas diga-a de forma tendente —
O sucesso no Circuito reside
Brilhante demais para o nosso
deleite de enfermidade
A surpreendente soberba da Verdade
Enquanto o relâmpago para as crianças diminuiu
Como forma de explicação
A Verdade deve gradualmente deslumbrar
Ou todos os homens serão cegos —

Não posso viver contigo,
Isto seria vida,
E vida está ali
Atrás da prateleira

O capelão guarda a chave,
Colocando
Nossa vida, sua porcelana,
Como uma taça

Descartada pela dona de casa,
Démodé ou esfacelada;
Uma nova Sevres¹ agrada,
Os velhos se quebram.

Eu não poderia morrer contigo,
Pois um deve esperar
Para cerrar os olhos do outro,
Tu não podes.

E eu, eu permanecerei
E ver-te-ei expirar,
Sem meu direito de expirar,
Privilégio da morte?

Nem eu poderei ressuscitar contigo,
Porque tua face
Poderia tirar de Jesus
A nova graça

Brilho nítido e estrangeiro
Em meus olhos nostálgicos,
Exceto que tu, ao invés d'Ele,
Reluziu bem mais perto.

Julgar-nos-ão – como?
Pois tu serviste ao Paraíso, tu sabes,
Ou tentaste;
Eu não consegui,

Porque tu encharcaste a vista,
E eu não tenho mais olhos
Para uma excelência mórbida
Como o Paraíso.

E se tu decaístes, também,
Mesmo que meu nome
Tenha soado mais alto
Na fama celestial...

E se tu fosses salva,
E eu condenada a estar
Onde tu não estás,
Seria como o inferno para mim.

Então devemos nos manter separadas,
Tu aí, eu aqui,
Apenas a porta entreaberta
Que são oceanos,
E orar,
E aquele branco sustento —
Desespero

¹ Porcelana francesa criada em 1740; famosa em toda a Europa.

Nós superamos o amor como todas as outras coisas
E colocamos na gaveta
Até a moda mostrá-lo num desfile antigo
Como fantasias que os netos usavam.

Redirecione o afeto da Esposa!
Quando eles deslocam meu Cérebro
Amputam minha ***** cheia de sardas
Façam-me barbada como um homem!

Esfregue meu espírito em sua Firmeza
Esfregue minha argila não reconhecida
Sete anos de verdade ensinaram a ti
Mais do que a Esposidade poderia

Amor que nunca vazou do espaço
Confiança feita na dor aguda
Constância pelo fogo — recompensada
Angústia — vazia de anódino

Até agora triunfante de carga
Ninguém suspeita de mim com a coroa
Pois eu visto Espinhos até o Por do Sol
Aí — meu Diadema começa.

Mas meu Segredo ainda está enfaixado
Nunca irá fugir
Até o dia que seu Guardião Cansado
O tire do túmulo para você.